

## Formação de oboístas profissionais no Estado de São Paulo no período de 1960 a 1990

*Ravi Shankar Viana Domingues*  
Universidade de Brasília  
e-mail: [ravishankaroboe@yahoo.com.br](mailto:ravishankaroboe@yahoo.com.br)

*Ricardo Dourado Freire*  
Universidade de Brasília  
e-mail: [freireri@unb.br](mailto:freireri@unb.br)  
web: [www.musicaparacrianças.unb.br](http://www.musicaparacrianças.unb.br)

### **Sumário:**

O Brasil hoje apresenta um grande número de excelentes oboístas que se destacaram no cenário musical nacional e internacional. Neste artigo foram investigados os fatores que contribuíram para a formação de uma geração de instrumentistas que têm como elemento comum a formação musical no estado de São Paulo, no período de 1960 a 1990.

**Palavras-chave:** Oboé, formação musical, São Paulo.

Este artigo destina-se a fazer um mapeamento do processo de formação dos oboístas no estado de São Paulo a partir de 1960. Foram analisadas as trajetórias pessoais dos oboístas brasileiros de grande destaque nacional e internacional. A pesquisa teve como objetivo identificar os elementos comuns na formação de tantos instrumentistas de qualidade. Tendo como referência os oboístas do Estado de São Paulo, buscou-se definir aspectos que foram determinantes para formação dos mesmos e, conseqüentemente, descobrir uma parte de grande relevância da história e desenvolvimento do oboé no Brasil. Principalmente por estar visando o período posterior à década de 50, período este em que o número de oboístas aumentou consideravelmente e a qualidade, conseqüentemente, acompanhou este crescimento, prova disso foi a inserção de nomes brasileiros em orquestra de outros países.

Com o reconhecimento de nossos músicos no mercado internacional, podemos dizer que existe uma identidade brasileira de se tocar oboé e, paralelamente, no entanto, existe também uma carência de material publicado que busque traçar aspectos importantes que podem contribuir para a consolidação desta nossa maneira de tocar o oboé. Este mapeamento pode nos ajudar a definir caminhos a serem tomados por professores e aluno de oboé em todo o território nacional para que se chegue a resultados satisfatórios na formação das gerações futuras. Os oboístas que foram entrevistados são músicos reconhecidos no cenário musical nacional e internacional sendo referências para gerações que estão surgindo e futuras gerações que ao de surgir.

Aloysio Fagerlande (1998) pesquisou sobre o fagote e sua trajetória no Brasil publicando dois artigos: “Uma pequena História do Fagote no Brasil” e “Um Quarteto de Fagotes no Rio de Janeiro”. No primeiro o autor faz um breve apanhado da história do fagote desde o primeiro momento em que ele aparece no Brasil até a partir da segunda metade do século XX. Fagerlande em seu artigo faz menções também sobre o surgimento do oboé no Brasil, pois ocorreu no mesmo momento da chegada de grupos musicais que vieram acompanhando a corte portuguesa. No segundo artigo temos o relato da luta do fagotista francês Noel Devos, radicado no Brasil desde 1952, para formar bons alunos brasileiros de fagote, utilizando a música em conjunto como base pedagógica para este trabalho instigando nossos compositores a compor peças para o seu instrumento e suas diversas formações. O artigo trata do período após a década de 50, fornecendo,

assim, uma idéia do cenário musical deste período no Rio de Janeiro e no País. Os artigos de Fagerlande foram bastante úteis por descrever o desenvolvimento de um instrumento de palheta dupla que possui as mesmas características sociais do oboé.

A trajetória dos músicos de sopro foi abordada especificamente por Freire (2001) em *A formação da identidade do Clarinetista Brasileiro*. Neste artigo foi analisada a formação da identidade do clarinetista brasileiro baseando-se nos pressupostos teóricos apresentados por Mário de Andrade em seu ensaio *Evolução Social da Música no Brasil*. Podemos estabelecer paralelos entre a formação do clarinetista brasileiro e a formação dos oboístas devido à estrutura em que se organizou a formação: estágios que podem ser estendidos à todos os aspectos da música no Brasil.

Scoggin (2003) discorre em seu artigo “A pedagogia e a performance dos instrumentos de cordas no Brasil: um passado que ainda é realidade” discorre sobre os problemas encontrados no processo de formação e profissionalização do instrumentista de cordas no Brasil, com enfoque especial no violinista. A problemática apresentada é comum a todos os instrumentos e para maioria dos instrumentistas em nosso país então, como instrumentistas que passaram por todos estes problemas conseguiram alcançar um nível técnico musical tão elevado e, conseqüentemente, um reconhecimento no Brasil e no mundo.

Como se Escreve a História de Paul Veyne (1995) trata do que vem a ser o objeto da história, e depois passa a considerar as diversas formas de sua compreensão e a noção de progresso histórico do ponto de vista sociológico. O autor estuda também o método revolucionário de análise histórica do famoso filósofo francês Foucault. Esta obra contribui para que eu compreenda a trajetória dos oboístas, destacando os fatos pertinentes ao objetivo da minha pesquisa. Veyne ressalta que é preciso haver uma escolha em história que não é feita pela originalidade dos acontecimentos individuais e sim por sua especificidade e depois de feita a escolha, é preciso que os fatos e suas ligações sejam bem amarrados para que se tenha uma boa trama e não fatos isolados e diversos pontos de vista. Scoggin preocupa-se em encontrar soluções para melhorar o desenvolvimento e conseqüentemente a qualidade dos instrumentistas brasileiros de cordas.

Pesquisa de Campo baseada na história oral dos oboístas em destaque no cenário musical brasileiro e mundial foi realizada através de entrevistas que foram feitas pessoalmente, por e-mail ou telefone conforme a disponibilidade de cada um dos entrevistados. O questionário permitiu que o músico entrevistado se sentisse a vontade para falar da forma mais abrangente possível sobre sua formação musical.

A escolha dos sujeitos se deu primeiramente por estarem estes em destaque no cenário musical brasileiro e mundial e que tiveram sua formação musical e instrumental relacionada de alguma forma com a cidade de São Paulo conforme pode ser averiguado através dos currículos dos referidos oboístas:

Alexandre Klein	Solista da Chicago Symphony Orchestra e professor do Chicago Music College at Roosevelt University
Éser Menezes	Solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e coordenador de sopros e percussão da Orquestra Filarmônica de SBC.
Arcádio Minczuk	Solista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e professor de oboé e música de câmara no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, e Coordenador Pedagógico da Universidade Livre de Música.
Joel Gisiger	Solista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, e professor na Universidade Livre de Música.
Luiz Carlos Justi	Solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, e professor na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Alexandre Ficarelli	Solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e professor de oboé do Departamento de Música da Universidade de São Paulo
Washington Barella	Primeiro oboé da SWR Sinfonieorchesters Baden-Baden und Freiburg (desde 1992)

Todos os oboístas entrevistados tiveram um processo de formação com aspectos semelhantes, como demonstrados logo a seguir:

1) Iniciação musical por volta dos nove anos através de instrumentos como a flauta doce, o piano e outros instrumentos que lhes permitiu um desenvolvimento e uma vivência musical desde a infância e que foi fator determinante no desenvolvimento destes no momento em que começaram seus estudos no oboé.

2) Participação dos mesmos em orquestras jovens, profissionais e semiprofissionais, que possibilitaram, conforme descrito por eles, uma formação mais completa, pois, trabalharam aspectos como tocar em conjunto, responsabilidade profissional, ou seja, propiciou uma bagagem que foi enriquecedora na formação.

3) Outro aspecto que decisivo na trajetória destes foi a ida destes para outros países, Alemanha e E.U.A., para realizarem uma complementação dos seus estudos musicais o que propiciou para os mesmos uma expansão dos conhecimentos que eles haviam adquirido no Brasil pondo-os em contato com as atualidades do mundo musical através do aperfeiçoamento destes com renomados professores tais como Ingo Goristki, grande representante da escola alemã de tocar oboé e Humbert Lucarelli figura ilustre da escola americana, possibilitando assim inserção destes músicos no cenário musical nacional e internacional a partir do momento em que estes oboístas começam a ganhar concursos internacionais e ocupar postos em orquestras de todo o mundo.

A formação oboística destes instrumentistas foi feita com professores, na sua maioria advindos do Estado de São Paulo, podendo ser dividida conforme influência de cada um dos docentes, em três períodos: o primeiro baseia-se em um envolvimento afetivo, onde o professor, que na maioria dos casos tinha sido autodidata ou possuía uma relação mais poética com a música e com o oboé, esta relação gerou nestes instrumentistas o desejo pelo estudo do instrumento; no segundo período, os oboístas buscaram e encontraram uma formação mais específica e direcionada para a construção de um alicerce forte sob a qual seria construída uma técnica instrumental sólida que lhes proporcionaria o ingresso em orquestras jovens e outras instituições musicais, que lhes direcionariam as energias para a construção de uma carreira; e com o acúmulo das experiências vividas por cada um através dos grupos musicais onde trabalhavam, através dos professores e músicos com quem tiveram contato, chegamos ao 3º período, de amadurecimento musical, no qual o músico começa a influenciar e interferir no meio musical em que está inserido, através da obtenção de prêmios em concursos e através da ascensão a cargos importantes em instituições musicais.

As trajetórias de cada um desses oboístas tiveram suas particularidades porém durante o mapeamento dessas trajetórias foi possível identificar alguns pontos na formação musical de qualidade para os oboístas e demais músicos brasileiros.

Primeiramente, é notória a importância da cidade de São Paulo na formação destes oboístas. A cidade de São Paulo desde a sua fundação tem se destacado como um centro comercial do nosso país o que conseqüentemente fomentou condições para que esta cidade tivesse uma vida cultural extremamente rica e pioneira em nosso país no que diz respeito as orquestras e ao seu desenvolvimento.

Com a fundação da Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo em 1939, e a criação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo em 1954, sob a batuta do Maestro Souza Lima (Lima, 1982) o estado de São Paulo passou a ser um dos referenciais brasileiros no cenário musical internacional das orquestras sinfônicas trazendo grandes nomes internacionais e levando o nosso nome para outros países por meio das turnês .

São Paulo teve e tem orquestras jovens tais como Orquestra Experimental de Repertório, Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, Orquestra Sinfônica de Santo André, Orquestra Sinfônica de São Bernardo, dentre inúmeras outras, onde os estudantes podem praticar o conhecimento adquirido por meio do seu estudo individual e adquirir experiência no mundo sinfônico pois estará diante das mais diversas situações que um profissional pode se deparar. Paralelamente a esta

experiência extremamente enriquecedora, os alunos tem a oportunidade de subsidiar seus estudos por meio do seu próprio trabalho. Neste ponto cabe uma ressalva, pois, se faz necessária a busca por um equilíbrio devendo procurar dar importância à formação de toda a base técnica musical que um músico irá necessitar posteriormente.

São Paulo sempre teve uma diversidade de estilos de palheta proporcionando um referencial muito grande aonde o oboísta, tem a oportunidade de escolher o que se adequar mais aos seus objetivos.

Os referenciais têm melhorado com o passar do tempo com a inserção da cidade dentro do cenário musical internacional o que leva a um crescimento coletivo tanto em quantidade como em qualidade, além do acesso à informação que se tornou mais “democrático” facilitando o acesso as informações e ao acesso aos referenciais internacionais por meio de gravações e outros meios.

Sobre os aspectos gerais da formação pude perceber os seguintes aspectos: a) A mentalidade de um músico, ou seja, os valores em que ele acredita, a forma com que ele se relaciona com a sua música e conseqüentemente com tudo o que ela se relaciona, reflete nitidamente no seu tocar. b) Uma formação musical que contemple os diversos componentes que constituem a música com o estudo da Harmonia, Contraponto, Análise Musical e todas as outras formas de conhecimento musicais e extra-musicais contribuem de maneira na formação de um músico pois, possibilita a esse uma visão mais completa do todo musical. c) A participação em Festivais de Música foi apontada como uma oportunidade do músico ter contato com idéias de diferentes professores que enriquecem muito e fazem com que o músico reflita, consolide e aumente e construa uma bagagem muito maior e mais rica o que contribui para formação de um artista que possui um leque de informações muito maior para lidar com as diferentes situações profissionais com que irá deparar. d) Um fator que foi apontado e que despertou um interesse particular e que merece um estudo mais aprofundado e uma futura oportunidade, foi o aspecto da riqueza musical da nossa cultura brasileira que proporcionou, conforme o oboísta Alex Klein, um diferencial entre os demais músicos de outros países no que concerne a expressividade ou seja capacidade de se expressar musicalmente que segundo ele é cultural.

Um último ponto decisivo na formação de todos esses músicos foi a possibilidade de um aperfeiçoamento musical em outro país sob a orientação de grandes músicos e em instituições do mais alto gabarito que lhes proporcionaram uma excelente infra-estrutura para o seu desenvolvimento. Essas especializações foram possíveis na maioria dos casos por um incentivo nacional por meio de bolsas de instituições preocupadas com o desenvolvimento cultural do país.

## Referências Bibliográficas

- Fagerlande, Aloysio (1998a). “Uma Pequena História do Fagote no Brasil”. *Eldorado* (Las Cañas en América Latina) nº 1 (Fall): 15-17. Buenos Aires-Argentina.
- Freire, Ricardo J. Dourado. A formação da Identidade do Clarinetista Brasileiro. In: *Anais do XIV Encontro da ANPPOM*. Belo Horizonte – MG, 2001.
- Lima, Souza (1982). *Moto Perpétuo, A visão poética da vida através da música*. IBRASA. São Paulo-SP.
- Scoggin, Gláucia Borges. (2003). A pedagogia e a Performance dos instrumentos de cordas no Brasil: um passado que ainda é realidade. *Per Musi*. V.7 , 2003: 25-36. Belo Horizonte-MG.
- Veyne, Paul. (1995). *Como se escreve a História*. Editora da UnB. 3º edição. Brasília.